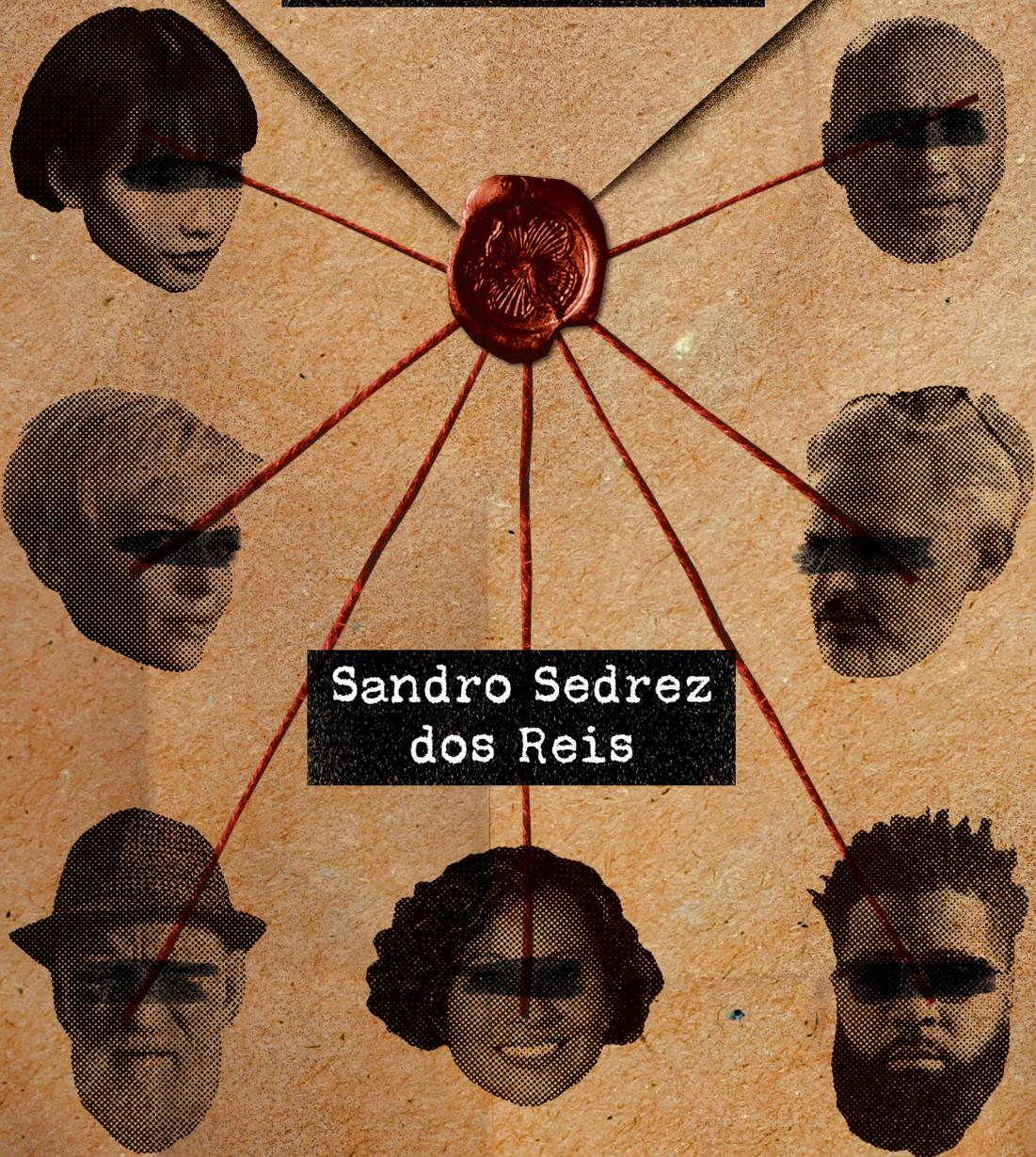


A Estranha Vontade de um Morto



Sandro Sedrez
dos Reis

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

A Estranha
Vontade de
um Morto

Sandro Sedrez
dos Reis

A Estranha
Vontade de
um Morto

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Sandro Sedrez dos Reis

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira
Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Capa: Mateus Klein Valaski
Diagramação: Manoela Dourado
1ª edição – março de 2022

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Reis, Sandro Sedrez dos
A estranha vontade de um morto / Sandro Sedrez dos Reis
-- São Paulo : Recanto das Letras, 2022.
344 p.

ISBN 978-85-7142-123-3

1. Ficção brasileira I. Título

22-1349

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira

"O acaso vai me proteger enquanto eu
andar distraído."

– *Sérgio Britto*

*A todos os seres que conheci ao longo da jornada,
por me fazerem aprender o significado da partilha,
o valor da vida, e impulsionarem, a partir de seus
relatos, fábulas na minha mente.*

*Aos contadores de histórias,
por sempre renovarem a imaginação e os sonhos
humanos.*

Legado excêntrico

Prefácio de uma história testamentária

Honra-me introduzir *A estranha vontade de um morto* aos leitores. Esta obra possui os elementos que considero essenciais numa leitura cativante e popular. A boa história presente e, além disso, a forma como é contada, seduzirão os olhos e a curiosidade do leitor.

Na sala de um casarão com um grupo de pessoas, alguém faz a leitura do testamento que designará a distribuição de bens do falecido entre os herdeiros. Parece uma cena bem conhecida, certo? Mas as semelhanças entre os elementos principais em um rito tradicional de herança e o do falecido Aderbal terminam nesse ponto. A partir daí, a solidez da previsibilidade se dissolve, trazendo uma cortina de fumaça plena de indagações, fazendo nossa percepção oscilar entre a imersão em jogos surreais e a inevitabilidade de cruéis concretudes.

Por que motivo ele teria desdobrado seu testamento, facultando aos interessados a decisão de se habilitarem ou desistirem de ter acesso à “segunda parte”?

Quem seriam os indicados no testamento que não pertenciam à família do falecido? E por que estariam ali, figurando inclusive entre estas o seu maior adversário?

O valor anunciado deixou os presentes de olhos arregalados. Mas compensaria o pedido em troca? Quais seriam as tarefas exigidas aos postulantes e a quem impactariam? Que tipo de preço pagariam por isso?

Permita-se levar por uma narrativa empolgante, com cenas e cenários descritos em riqueza de detalhes, além de referências cronológicas, históricas e culturais. Uma construção que dará ao leitor a sensação de estar vivenciando a trama. Um Universo no qual surgirão personagens tão peculiares quanto próximos, que só poderiam ter sido criados por alguém com rara sensibilidade para traduzir o que se passa na mente e no coração das pessoas.

Num enredo repleto de ação, mistério, suspense, drama e romance, a peripécia dos personagens (e do leitor) vai se intercalando com momentos de reflexões e bom humor. Sendo impactada, aqui e ali, pelo inesperado e pelo enigmático.

A cada capítulo, as revelações encaixam, de forma suave e precisa, as muitas peças deste quebra-cabeça.

Com esta segunda obra, o autor Sandro Sedrez dos Reis supera as expectativas e nos faz acreditar que, tanto na ficção quanto na vida, o melhor está sempre por vir.

Boa leitura!

Onacir Bueno

(Autor de *Correndo atrás dos sonhos*)

Capítulo I

Sexta-feira de outono, numa tarde de 2019.

A chuva excessiva e gelada, que cai pelo quinto dia consecutivo, em nada contribui para tornar a tarefa do advogado e contador Frederico algo mais fácil.

Em todas as etapas, essa missão não lhe agrada. Dirigir sob chuva, pra começo de conversa, é algo de que não gosta. Sendo grossa e gelada, então, pior. Já antevê a tarde úmida com a qual irá lidar e todas as consequências disso. Os documentos a serem lidos estarão grudentos. As pessoas presentes à leitura chegarão com o clássico e desagradável odor daquilo que não secou direito. E, graças ao frio, alguns trarão aqueles capotes embebidos em mofo ou naftalina. Sem contar as botas, arrastando-se um pouco, esfregando resquícios de lama e areia contra o piso, gerando agudos e irritantes sons.

Ele conhece bem a sala para a tal reunião. Pouco ventilada, com uma janela apontando para a área verde com árvores, um longo gramaço e uma velha roseira volumosa que costuma dar flores brancas.

Não é que a abertura não dê conta de renovar o ar do ambiente, mas, como raramente é acionada, isso não ocorre. E, com a chuva torrencial caindo, sequer poderá sê-lo.

Frederico, ou Fred – como os amigos o chamam –, teria optado por outro lugar, se pudesse. Mas nada aqui tem sido sua escolha. É parte do trabalho para o qual foi contratado. E ele cumpre os combinados sem perguntas ou caras feias.

Quando criou seu escritório, juntando quase todo tipo de assessoria burocrática e legal que as pessoas precisassem, imaginou atrair mais o típico cidadão comum do que as figuras tidas como excêntricas. Em menos de uma semana, deu-se conta: não seria assim.

“Você faz um plano pra vida, mas a vida faz outro plano pra você”, murmura para si, repetindo a fala favorita de sua mãe.

Foi bem essa a frase em sua mente no primeiro dia do novo negócio, depois de conhecer seu cliente de estreia. Aderbal Félix Gonçalves Barroso era o típico personagem pitoresco que toda cidade costuma ter. Um sujeito bem-sucedido, com boas posses e muitas lendas em torno de sua vida.

Seu expediente inaugural foi tomado pelo poderoso cidadão solicitando-lhe todo tipo de assessoramento contábil e legal. Não se interessou muito pelos serviços de varejo, típicos de despachantes. Mas incluiu um pedido muito pitoresco:

– Quero, a partir de hoje, uma tarde de cada semana da tua agenda, por seis meses, para tratarmos de um assunto muito específico: a minha morte.

A frase de Aderbal volta do passado, ressoando no presente tão insólita e dramática como o foi naquela inusitada conversa, anos atrás. Sua reação ao pedido do cliente, claro, foi argumentar sobre como isso poderia ficar caro, e que um testamento não exigiria tantos encontros presenciais.

Mas aí veio a resposta, ainda mais enigmática:

– Não iremos fazer um simples testamento. É muito mais do que isso. É um legado, com lições, punições e, se tivermos sorte, talvez uma redenção ou outra.

O tempo passou. Os seis meses se mostraram insuficientes para a complexa encomenda. Foram necessários quinze deles.

E hoje, quatro anos após a conclusão da encomenda e pouco mais de duas semanas depois de o Sr. Barroso estar sepultado, Frederico começa a executar o serviço contratado.

A etapa inicial prevê a leitura do testamento e de outros comunicados a um grupo de familiares e conhecidos do morto. Contudo, o rito deve seguir especificidades, não podendo haver negligência quanto a qualquer dos passos descritos. Isso inclui a sala da leitura, para desânimo de Fred.

A suntuosa casa do Sr. Barroso fica no bairro Boa Vista, numa parte elevada da Rua Leopoldo Manson Vaz. A via é arborizada, assim como a maior parte das residências. O asfalto é bem irregular, cheio de emendas, que ficam ainda piores com a chuva. Mas a beleza do verde e a claridade da casa quase compensam seu mau humor.

O excêntrico cliente usava pouco aquele endereço. Por isso a baixa renovação de ar e o cheiro de mofo. Tudo o que o executante não gosta. Mas contrato é contrato.

I was dreaming of the past
And my heart was beating fast
I began to lose control
I began to lose control
I didn't mean to hurt you
I'm sorry that I made you cry
(...)

A canção *Jealous guy*, de John Lennon, cantada por Brian Ferry no rádio, desconcerta os pensamentos presentes de Frederico Hernandez, remetendo-o às frustrantes páginas de sua história amorosa. “Um especialista em estragar tudo”, título concedido por Gilka, sua terceira noiva. Aliás, terceira ex-noiva. A última com anel, numa linhagem de cinco tentativas de vida a dois, antes de concordar com a titulação recebida e jogar a toalha.

Mas sua racionalidade sabe devorar as lembranças ruins. E o faz com rapidez. O foco na tarefa irritante volta. O carro é estacionado.

Ele o desliga e entra na casa. Na porta principal, uma mulher de cabelos negros e olhos amendoados o aguarda. A expressão, cheia de energia e aparente interesse, o faz olhar para a moça com o humor melhorado.

A mulher o saúda e estende a mão, deixando claro preferir um cumprimento mais formal:

– Seja bem-vindo. Meu nome é Leyko Wu Kim.

– Muito prazer. Sou Frederico Hernandez – responde, enquanto percebe que o toque da mão da descendente de asiáticos é leve e rápido.

Entendendo não haver espaço para muitas intimidades ou frivolidades, vai direto ao assunto:

– Algum dos convidados já chegou?

– Três – responde a mulher.

Frederico lembra do testamento e do histórico escritos durante as longas sessões de conversas, relatos, leituras de documentos e interpretação de fotos compartilhados com o finado excêntrico.

Entre familiares herdeiros, a conta deveria fechar em cinco pessoas. Entre outros convidados – herdeiros também ou não –, seis. Seriam, portanto, onze. Se o advogado contar consigo mesmo e com a reservada senhorita Leyko, haveria treze indivíduos naquele escritório mofado.

Isso o faz lembrar de cenas de livros da Agatha Christie. Um deles até se chama Treze à mesa. Mas a vida real consegue ser ainda mais letal do que as obras da famosa escritora, e parte do grupo já deixou este mundo antes do autor do testamento.

Acidente de carro, câncer, infarto e violência urbana já levaram seis da lista. Portanto, se a matemática de Fred não estiver muito apressada, faltam apenas dois convidados. De forma surpreendente para si, o profissional constata serem exatamente os dois parentes ainda vivos que não chegaram.

Os três visitantes já presentes são as pessoas cuja inclusão neste trabalho mais lhe chamou atenção. Pelo inusitado do ato. Não são amigos especiais. Nem sócios. Muito menos afilhados ou padrinhos. Ou qualquer outra dessas situações de relacionamento mais previsíveis. Talvez – e só talvez – um deles até possa estar na lista de ex-casos amorosos. Mas nem isso lhe fora deixado assim tão claro pelo falecido.

Enquanto adentra a casa, vai olhando para as paredes do primeiro cômodo, uma espécie de antessala, com uma cadeira de balanço em vime e pequenas poltronas em torno de uma antiquada mesinha. O advogado imagina aquele local usado como uma segunda sala de espera no tempo em que o imóvel foi o centro nervoso dos negócios de seu excêntrico cliente.

Caminhando um pouco à sua frente, Leyko não pronuncia uma palavra sequer. Fred não se importa com essa frieza. Na verdade, a mulher lhe agrada, mesmo assim. Gosta do gingado presente nela quando caminha; um bem acima do que está habituado a ver.

A fantasia brotando em seus olhos torna o momento presente um pouco menos chato. Mas sabe: é por pouco tempo. Logo, estará lendo coisas desagradáveis e maçantes. Ou até mesmo ouvindo.

Passa pela sala maior, onde repousam em confortáveis e luxuosas poltronas os convidados que já chegaram. Cumprimenta as três pessoas com a cabeça, grunhindo um silencioso “boa-tarde”, e segue para o escritório.

Encontra o cômodo iluminado por luz artificial. A janela está semiaberta para dar passagem a um pouco de ar, mas não à chuva. Estantes em madeira-de-lei, escurecidas e envernizadas. Cortinas, poltronas, cadeira giratória e tapete em colorações verde-escuras compõem ar antiquado e clássico. Remetem ao tempo do poder medido pelo tamanho da escrivaninha e pelas cores do ambiente.

Leyko lhe mostra onde estão os materiais de apoio para seu trabalho. Depois, aponta para uma mesinha no canto da parede, próxima à janela. Lá é possível avistar garrafas de café e chá, além de jarras de água e bombonieres com doces e salgados. Em seguida, a oriental sinuosa faz uma reverência e se retira.

Por breve instante, Frederico contempla a sala, ao som de sua própria respiração e das poucas gotas de chuva a cutucar o vidro da janela. Num gesto automático, passa as duas mãos sobre os cabelos, antecipando a exaustão que, presume, irá sentir. Sem mais procrastinações, pega café e se senta na mobília antiquada, revisando as fichas dos convidados. Começa pelos familiares vivos: um irmão e uma filha.

Felipe Augusto Gonçalves Barroso é um homem de vida instável, embora não pareça apresentar problemas econômicos. Alguns anos mais novo do que o falecido, começou a ter trabalhos formais em idade bem mais velha, se comparado com a trajetória de Aderbal.

Tido como bom músico, jamais conseguiu viver dessa atividade. Os empregos obtidos sempre foram tratados por ele como temporários, esperando o reconhecimento a seu talento que jamais veio. Divorciou-se antes de o casamento gerar filhos. Anos depois, a ex-mulher foi embora para a Espanha e nunca mais deu notícias. Estabelecido nos tempos atuais como corretor de imóveis e agente turístico autônomo, vive numa casa simples, mas bem valorizada, no bairro São Lourenço.

Uma herança talvez seja até bem-vinda para ele. Mas até onde Fred conseguiu estudar sobre Felipe, riqueza nenhuma resolve o único sonho, a única ambição ainda existente nele. O tempo para virar um músico de sucesso já se foi. Ao menos é essa a sua crença.

Láís Barroso, a filha, é uma outra história. Sagaz e empedernida para os negócios, garantiu o êxito e a renovação das empresas e dos investimentos do pai, a quem devotou – até onde se sabe – o único amor estável em seu coração.

Perdera a mãe no parto. E tivera em Aderbal os papéis materno e paterno, conduzidos com quase perfeita maestria. E o “quase” se deve justamente a parecer a todos que a menina, para crescer forte e lidar com o mundo, fechara seu coração aos outros.

Romances curtos e frustrantes, poucas amizades e uma imagem de durona em lutas marciais rechearam seu caminho de especulações, fazendo-a temida por uns e invejada por outros, além de detentora de tantas lendas sobre a vida amorosa a ponto de deixar corados Casanova ou Don Juan. Entre os fofoqueiros da cidade, a lista de supostas presas relacionadas a ela não inclui apenas rapazes, tampouco só pessoas solteiras.

Frederico, acostumado com o quão longe o ser humano consegue ir quando quer atribuir ao outro algo para compensar a inveja ou o medo que sente, interpreta uma única coisa em toda essa “conversarada”: a moça é quem mais sentirá falta do falecido. Portanto, é a menos inquieta com o teor da leitura a ser feita.

Mas e quanto aos três estranhos?

Amaro Macedo, jogador brilhante na juventude, hoje é comentarista esportivo e empresário de sucesso no ramo hoteleiro. De todos os nomes improváveis para estar na lista, esse sem dúvida é o mais surpreendente. Fred não faz ideia de que relacionamento seu cliente poderia ter com o sujeito. Sua fama sempre foi a de ser um esnobe vaidoso, inacessível para quem não fizesse parte do seu badalado mundo. Comenta-se também não gostar de ser chamado pelo sobrenome, tendo patenteado seus produtos para fãs com o prenome como marca.

O homem incumbido da leitura do testamento vê no astro um comentarista como tantos outros: falam e falam sem chegar a ponto nenhum que não seja o de dar a impressão aos fãs de esportes haver algo científico em seus debates. Sua última produção de sucesso nessa linha – o programa *No colo do gol* – é um clássico exemplo, a seu ver, desse formato: convidados barulhentos, pessoas bonitas e desejadas, nenhuma profundidade sobre coisa alguma e uma interminável sequência de discursos ao estilo “se fosse eu, teria feito bem diferente...”.

Acrescente-se a isso um conjunto de jargões forjados pelo apresentador com a palavra “bola”: “bola abraçando a rede”, “bola dentro e registrada”, “bola suprema”, “bola de araque”, “bola sem bola”, “colorindo a bola”, “bola açucarada” e por aí vai... Expressões que só o fazem parecer mais canastrão aos olhos de Frederico Hernandez.

Como diversão e entretenimento, não tem nada contra tal universo – essas apresentações alegram a muitos –, mas haveria razão nisso para se ter o rei na barriga? Talvez nem todos sejam assim. Porém, a seu ver, Amaro não possui apenas o rei. Todo o palácio está ali, naquela sua já não tão sarada pança.

Os boatos de anos atrás insinuavam: como vários outros de sua geração, o craque não teria sabido administrar o patrimônio, tendo estado à beira da bancarrota. Porém, como por milagre, da noite pro dia veio a notícia de seus empreendimentos com resorts em regiões impensadas para algo estar ocorrendo. Muito menos presumidas como algum negócio ou investimento seu.

Fred lembra de tê-lo reconhecido ao passar pela sala. Mas estranhou muito uma coisa: o “semideus” lhe pareceu abatido, quase humano. Como se algo tivesse mudado de forma avassaladora. Ou se perdido.

O nome seguinte da lista, embora estranho, é menos improvável. Emílio Carreras é um empresário; disputou negócios várias vezes com Aderbal. Rico e com fama de avarento, jamais deixou de se comportar como concorrente do finado, com direito a entrevistas polêmicas e cenas públicas. À parte dessa encenação, efetiva em dar um certo sabor de show televisivo aos negócios, a ficha do milionário inclui várias ações filantrópicas e aparente acessibilidade à imprensa e a algumas ONGs. No seu caso, a palavra rival soa passar mais distante da palavra vilão. Mesmo assim, algo não lhe cheira bem no sujeito e nem em sua história.

E, por fim, Lana Veras. A mulher figura como incógnita afetiva nas histórias sobre a vida do homem poderoso. Ex-colega de ensino médio, teve seu nome escolhido pelo pai, fã de histórias em quadrinhos. Como quem já leu um tiquinho dessas obras, Fred sabe a ironia presente: Lana Lang é a paixão mal resolvida de adolescência do Superman.

A suposta musa do falecido atuou como psicóloga e jornalista, suas duas formações. Hoje escreve artigos para revistas especializadas e, vez ou outra, publica livros. Sumiu da cidade após o primeiro casamento de Aderbal, tendo voltado anos depois da viuvez dele. A informação na rede de especulações da cidade fez circular o seguinte: ela teria se casado com um estrangeiro rico e se divorciado poucos meses depois, vítima de maus-tratos.

Nenhum outro grande romance foi flagrado envolvendo Lana por todos esses anos. Isso só fez aumentar a versão de eterna musa do empresário.

– Sr. Frederico, os demais convidados chegaram.

A voz de Leyko interrompe suas divagações, mas coincide com o final da revisão das fichas. Fred olha para ela e sinaliza estar pronto.

Os dois arrumam as cadeiras no escritório, permitindo que a posição destas não dificulte a interlocução e tampouco a transmissão do arquivo gravado. Em seguida, o próprio Frederico vai até a porta e chama os convidados, cumprimentando-os um a um, enquanto estes se acomodam no ambiente preparado para a reunião.

As formalidades de sempre são cumpridas, com um adendo: Fred solicita a cada um para se apresentar após ele mesmo introduzir suas credenciais e incumbências.

A leitura formal do testamento transcorre na típica monotonia evocada por tais textos. Sem maiores surpresas, são relacionados os bens do falecido. Isso toma um razoável tempo.

Aderbal soube erigir um império material e financeiro impressionante.

Feitas as deduções decorrentes dos “herdeiros” falecidos, a condução dos negócios ficou para sua filha. Algumas propriedades, inclusive a presente, na qual ocorre a reunião, também. Um percentual do lucro dos empreendimentos é destinado ao seu irmão, bem como uma suntuosa casa em Antonina, no litoral. A assistente asiática também é lembrada com um apartamento no Bacacheri e um valor depositado em letras de crédito. Uma obra de arte valiosíssima é seu presente à musa da adolescência. Por fim, duas coleções raras e cobiçadas – uma de destilados, outra de miniaturas – são anunciadas aos dois outros convidados. Ambos se esforçam para conter a perplexidade com o ato insólito.

Terminada a leitura, antes do silêncio embaraçoso ou dos comentários supérfluos disputarem a cena seguinte, Fred abre uma pasta que repousa debaixo da escrivinha e, auxiliado por Leyko, entrega uma pequena caixa a cada um dos cinco convidados. Sem esperar qualquer pergunta, o advogado e contador prossegue a execução solicitada por seu cliente, declinando um discurso quase decorado:

– Prezados e prezadas, deste ponto em diante iniciaremos o cumprimento da segunda parte da vontade póstuma de Aderbal Félix Gonçalves Barroso. Esta fase, antecipo conforme instruções recebidas, é facultativa. Caso algum dos senhores não deseje assisti-la, tenho os documentos pré-elaborados onde Vossas Senhorias podem assinar declarando abdicar do que lhes estiver destinado nesta sequência do testamento. Automaticamente, os bens ou valores envolvidos serão encaminhados a uma das instituições previamente sinalizadas pelo falecido Sr. Barroso.

A estranha cantilena deixa os cinco herdeiros perplexos.

– Mas do que se trata, afinal? – Irrompe Emílio, erguendo-se, em claro gesto de insatisfação com o discurso.

– Queiram desculpar, senhores e senhoras. Mas nada posso dizer antes de saber quem permanece e quem abdica. E mesmo depois de saber, só poderei prosseguir quando os renunciantes desta etapa tiverem saído do ambiente. – Esclarece Fred, enquanto respira fundo preparando-se para o inevitável.

E o inevitável acontece.

– Mas isso é ridículo e inaceitável! Uma “bola murcha”! – Protesta o ex-craque de futebol, beirando a insolência.

Fred mantém a fleuma:

– Não posso opinar sobre os adjetivos que venham a utilizar. Nem tenho permissão de me sensibilizar por eles. Fui contratado para executar as vontades do finado. E cumpro meus contratos.

As palavras do profissional diminuem os ânimos dos cinco, que, mesmo em tons diferentes, demonstram desconforto e aborrecimento com a teatralidade póstuma de Aderbal.

Segue-se um longo e imobilizado silêncio. Quebrado por uma oferta:

– Tenho permissão de lhes conceder um tempo para pensarem. – Comenta o profissional condutor da reunião.

Os cinco convidados o encaram. A mesma pergunta em todos os olhos.

– Vocês têm até meia hora. Mas a pausa ocorrerá uma única vez. E esse tempo precisa ser usufruído no interior do imóvel. – Responde, por antecipação, Frederico.

– Cruzes! Isso é patético! Parece coisa de filme! – Protesta Laís.

Com serenidade, mas assertivo, o profissional retruca:

– Concordo, senhorita Laís. Mas as instruções e vontades foram bem específicas e estão todas com o devido registro legal. Assim, teremos que nos submeter a elas.

– Vamos, pessoal! O que temos a perder? Meia hora a mais aqui dentro não vai prejudicar a vida de ninguém. – Pondera Felipe.

Um silêncio conivente garante a resposta presumida.

A asiática e o advogado ajustam seus relógios, orientam os convidados sobre os cômodos da casa, apontam para a localização das térmicas de café e chá, bem como água e alguns petiscos.

– Em meia hora estaremos dando sequência à segunda parte do testamento. Ou antes, se os cinco já tiverem decidido o que pretendem. Até lá, peço que devolvam as caixas recebidas. – Entoa Fred, como se lesse um script imaginário.

Relutantes, Laís, Lana, Felipe, Amaro e Emílio entregam os pequenos objetos e vão até a sala maior.

O contratado para executar os procedimentos póstumos pega um café e caminha até a janela do escritório, para fitar o verde do lado de fora e dar alguma cor aos seus pensamentos.

Passos sutis e a presença de um agradável perfume em suas narinas lhe anunciam a aproximação de Leyko, postada pouco atrás de seu ângulo de visão.

– O que você achou? – Arrisca perguntar a ela.

A resposta da mulher é curiosa:

– Estão com medo, acho. Não os censuro. Eu também estou.

– E, em algum humano, o medo consegue ser superior à curiosidade? – Rebate Fred, enquanto toma seu café e olha para a árvore mais antiga do jardim.

Leyko faz uma expressão profunda, como se procurasse algo dentro de si. Por fim, desiste e fala, enquanto solta o ar:

– Acredito que isso nós logo saberemos, né?

"É um thriller. Desde o início se espera o desfecho irromper, mas a inquietude se refaz no desenrolar da trama, porque há uma ideia fixa na mente dos autores, seja o do testamento, seja o do romance: ambos querem transformar as pessoas, dar a elas uma nova chance. Não se trata de criar ou abandonar uma expectativa ansiosa, mas de reapresentá-la em aliança com a eterna busca do HUMANO BOM. É brilhante!"

— Cláudio Said
(Autor de *Vaidade, Poeira e Vento*
e *Coronel Delmiro Gouveia*)

"Gosto do modo como o autor consegue transformar os ambientes corporativos, de passagem, pelos quais o trabalhador médio vive boa parte de seu tempo, em palco para acontecimentos que são ao mesmo tempo inacreditáveis e absolutamente verossímeis, não só com o contexto narrativo. Mas até para nós mesmos, leitores que atravessam lugares, em busca de sobrevivência, dos mais miseráveis aos mais luxuosos. Também é uma história sobre o quão assustador e atraente pode ser um milionário."

— Priscila Lira
(Mestre em Estudos Literários, Autora de *O Barulho do mormaço* e de *Entre a opacidade e a lucidez do espelho quebrado: literatura e fotografia nas obras de Veronica Stigger e Guilherme Gontijo Flores*)

